

**Relações entre a Catedral de Évora  
e a Colegiada de Santo Antão no  
final do século XVIII: o caso do  
cantor José da Costa**

Luís Henriques

# Relações entre a Catedral de Évora e a Colegiada de Santo Antão no final do século XVIII: o caso do cantor José da Costa\*

## Relations between the Cathedral of Évora and the Collegiate of Santo Antão in the end of the eighteenth century: the case of the singer José da Costa

Luís Henriques\*\*

CESEM/Universidade de Évora

luiscfhenriques@gmail.com

**Resumo:** O presente estudo incide sobre o cantor da capela de música da Catedral de Évora José da Costa nas últimas décadas do século XVIII. Partindo de um processo de colação para o lugar de tesoureiro da colegiada de Santo Antão descobre-se nova informação sobre a biografia e carreira musical deste músico na sua interação entre a Catedral e a colegiada. Este estudo tem, assim, como objetivo atualizar os dados conhecidos sobre José da Costa e a sua atividade no Colégio dos Moços do Coro, a Catedral e a colegiada de Santo Antão.

**Palavras-chave:** Cantor, Catedral de Évora, Colegiada de Santo Antão, Música sacra, Século XVIII.

**Abstract:** The present study focuses on the singer of Évora Cathedral music chapel José da Costa in the last decades of the eighteenth century. Departing from a collation process for the place of treasurer of the collegiate of Santo Antão one finds new information about his biography and musical career of this musician in his interaction between the Cathedral and the collegiate. This study therefore aims to update the known data about José da Costa and his activity in the Choirboys's College, the Cathedral and the collegiate of Santo Antão.

**Keywords:** Singer, Évora Cathedral, Collegiate of Santo Antão, Sacred music, Eighteenth Century.

---

\* O presente estudo insere-se no âmbito do Projeto ALT20-03-0145-FEDER-028584 (PTDC/ART-PER/28584/2017) - "PASEV: Patrimonialização da Paisagem Sonora em Évora (1540 – 1910)" financiado por fundos nacionais através da FCT/MCTES e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Compete 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI).

\*\* Luís Henriques é colaborador do pólo da UÉvora do CESEM. Tem desenvolvido trabalho no estudo da polifonia vocal sacra dos séculos XVI a XVIII relacionada com a Catedral de Évora. Diretor do Ensemble Eborensis tendo gravado um CD para o projeto ORFEUS, no qual foi bolseiro. Atualmente integra o projeto PASEV sobre a patrimonialização da paisagem sonora de Évora (1540-1910). Tem como interesses de investigação a polifonia na Catedral de Évora e a música nos Açores.

A cidade de Évora foi um importante centro de cultura musical entre os séculos XVI e XIX. A sua importância enquanto local de residência de vários monarcas portugueses terá certamente contribuído para o seu estabelecimento como local de grande dinâmica artística. No que diz respeito à música, as primeiras décadas do século XVI foram determinantes para o estabelecimento de uma estrutura musical na Catedral eborense que perdurou até à implantação do Liberalismo em Portugal no início do século XIX. Para isso foi fundamental o mecenato do Cardeal D. Afonso, último Bispo de Évora, altura em que veio para a cidade o teórico e compositor espanhol Mateus d'Aranda a fim de ocupar o cargo de mestre de capela da Catedral, ficando também a seu cargo o ensino dos moços do coro. O sucessor de D. Afonso e primeiro Arcebispo de Évora, Cardeal D. Henrique, criou os alicerces de um sistema de ensino musical que proporcionou a formação musical e humanística a muitos músicos, que não só desempenharam cargos musicais na cidade, arredores e reino, como também em Espanha e nas colónias do Novo Mundo. A fundação do Colégio dos Moços do Coro, em 1552, e a fundação da Universidade jesuíta no Colégio do Espírito Santo, em 1559, formaram esses dois grandes alicerces, apoiados num grande investimento em termos da contratação de músicos para a atividade musical da Catedral (ALEGRIA, 1973, p. 54-55).

Foi também por volta de meados do século XVI, mais concretamente, após a saída de Mateus d'Aranda para Lente de Música na Universidade de Coimbra em 1544 que surge o cargo do mestre da Clastra, encarregado de ensinar o cantochão e o canto d'órgão (polifonia) aos moços do coro, assim como de os instruir na arte do contraponto, constituindo, junto com o cargo de mestre de capela, os mais importantes postos musicais no âmbito da música realizada na Catedral eborense (ALEGRIA, 1973, p. 29-30). Foi o primeiro mestre da Clastra da Catedral após a saída de Aranda para Coimbra um dos cantores da capela, Francisco Velez, com obrigação de ensinar os moços do coro diariamente duas horas pela manhã e duas pela tarde (ALEGRIA, 1973, p. 32-33).

Com a criação do Colégio dos Moços do Coro, surgiu um novo cargo na esfera musical da Catedral: o de reitor do Colégio. Os indivíduos que ocupavam este cargo tinham uma série de obrigações, nomeadamente a residência no edifício do Colégio, e de prover tudo aquilo necessário (ALEGRIA, 1997, p.68). Um dos seus primeiros reitores foi o bacharel Afonso Dias, que servia no cargo de subchante. Foi nomeado para reitor do Colégio por decisão capitular de agosto de 1574 (ALEGRIA, 1997, p. 64). Em resumo, estes eram os três cargos de influência na dinâmica musical ligada à Catedral de Évora, estabelecidos com regulamentos ao longo do século XVI que, com ligeiras alterações, se mantiveram até ao final do século XVIII.

Desta forma, o presente estudo centra-se na atividade e em quem ocupava estes cargos nas últimas décadas do século XVIII, lugares de importância na esfera musical eclesiástica de Évora, e as relações dos mesmos com outros centros de atividade litúrgico-musical da cidade. O caso aqui estudado em concreto refere-se à relação musical entre a Catedral e a colegiada de Santo Antão que, como a regulamentação dos cargos musicais da Catedral, é também ela de construção quinhentista, obra do Cardeal D. Henrique. Reporta-se o mesmo estudo a essa relação nas últimas duas décadas de setecentos

e a um indivíduo em concreto – José da Costa – que, longe de ocupar um cargo musical de alto prestígio na cidade, circulou entre estas duas instituições.

Em 1728 o Padre Francisco da Fonseca descrevia a Igreja de Santo Antão na sua *Évora Gloriosa* como uma “nova, e soberba Basilica, que hoje vemos”, mandada levantar em 1557 pelo Cardeal D. Henrique (FONSECA, 1728, p. 218). Fonseca traçava ainda um resumo da história do templo e da freguesia. De acordo com o autor da *Évora Gloriosa*, a igreja foi primitivamente uma pequena ermida anexa à Sé, que sustentava um cura para administrar os sacramentos, “comendo os frutos, e dízimos dos freguezes desta Igreja com titulo de Abbades, que depois mudarão em Priores”. Em 1280 a ermida passou a ter uma colegiada composta por vigário e seis beneficiados com obrigação da celebração diária dos ofícios litúrgico-musicais no coro, fundada pelo Bispo D. Martinho. Esta organização manteve-se até 28 de abril de 1565, data em que o vigário Bento Varela renunciou ao seu benefício tendo o então Arcebispo de Évora D. João de Melo extinguido a dignidade de vigário, mandando criar em seu lugar, de sua renda, um reitor e três curas beneficiados para melhor serviço paroquial (FONSECA, 1728, p. 217-218).

A atual Igreja de Santo Antão foi mandada construir pelo Cardeal D. Henrique, tendo as obras decorrido entre 1557 e 1563 sendo dirigidas por Manuel Pires, segundo traçado de Afonso Álvares. Um sismo em 1568 obrigou a obras de consolidação das colunas e abóbada, realizadas em 1570 sob direção do mestre Brás Godinho (GIEBELS, 2006).

Uma das primeiras referências documentadas sobre as relações musicais entre a Colegiada de Santo Antão e a Catedral de Évora surge poucos anos após a segunda campanha de obras realizada por Brás Godinho. Trata-se da associação do compositor Manuel Mendes, antigo mestre de capela privativo do Cardeal D. Henrique que acompanhou este prelado na sua segunda vinda para Évora em 1574 (ALEGRIA, 1997, p. 77). Aquando da sua vinda para Évora, Mendes era referenciado como clérigo *in minoribus*, sendo ordenado subdiácono a 19 de março de 1575, diácono a 29 de maio, recebendo ordens de missa a 24 de setembro desse ano. No livro de matrículas das Ordenações, Mendes surge referenciado como tendo sido ordenado *ad titulum beneficii*, isto é, sem património próprio, recebendo por isso um benefício na colegiada de Santo Antão. Em 24 de janeiro de 1582 e 15 de julho de 1584 assinou o livro de batismos da colegiada, no primeiro caso, como padrinho e, no segundo, como oficiante (ALEGRIA, 1997, p. 77-78). Por volta dessa data terá assumido o cargo de mestre da Clastra, possivelmente substituindo Francisco Velez, que o ocupava desde a saída de Mateus d’Aranda para Coimbra em 1544. A 17 de agosto de 1587 era já um dos 15 bacharéis da Catedral, que tinham como obrigação o serviço no coro, ouvir confissões, ministrar os sacramentos, dizer a Epístola e Evangelho na missa do dia no altar-mor ou no lugar ordenado pelo Cabido, assim como dizer a missa de Prima e aniversários que fossem cantadas (ALEGRIA, 1997, 78). No que diz respeito ao cargo de mestre da Clastra, a 7 de outubro de 1589 era Filipe de Magalhães, antigo aluno de Mendes, quem o ocupava.

O percurso profissional de Manuel Mendes, desde a sua chegada a Évora em 1574 e a sua morte em 1605, reflete as ambições de um clérigo *in minoribus* em assegurar a sua subsistência dentro da car-

reira eclesiástica, nomeadamente a sua ordenação como sacerdote. Os benefícios da colegiada de Santo Antão, funcionavam como complemento ou uma etapa inicial para acesso a cargos eclesiásticos na Catedral (HENRIQUES, 2017, p. 356). Era frequente haver renúncia voluntária de um beneficiado (provavelmente em colegiadas de menor progressão), como aconteceu a Mendes (que o era em Santo Antão), nas mãos do colador, isto é, do Arcebispo, uma vez que só poderia destituir quem podia instituir. Neste caso tratava-se de uma renúncia simples (sendo as outras duas possíveis a favor ou de permuta) uma vez que pretendia um cargo mais elevado na esfera eclesiástica (RODRÍGUEZ; CODES, 2014, p. 45).

Desta forma, Mendes, de forma a assegurar a sua manutenção enquanto clérigo ordenado terá requerido ou foi conduzido num benefício em Santo Antão, embora não se conheça tal processo na documentação. Aqui é importante referir a sua ligação à Catedral, onde desempenhou funções como mestre da Clastra durante cerca de 10 anos, simultaneamente com o cargo de mestre de capela em Santo Antão. No momento em que assumiu o cargo de bacharel da Catedral terá abandonado os cargos que ocupava em Santo Antão, como momento de subida na carreira eclesiástica. Dois séculos mais tarde, a situação em que se encontra José da Costa reflete, em parte, o mesmo percurso e ambições de Manuel Mendes.

A 13 de julho de 1758, o reitor da colegiada de Santo Antão, Domingos Cardoso, assinava o seu contributo para as *Memórias Paroquiais* recolhidas nesse ano por todo o reino. Na seção dedicada à descrição da igreja, após mencionar os vários altares e respetivos oragos, o reitor referia o grande coro alto e as duas sacristias, uma destinada aos padres da igreja e a outra à irmandade do Santíssimo Sacramento (*MEMÓRIAS*, 2011). Em 1758 a colegiada era composta por um reitor, três beneficiados curados (que administravam os sacramentos) e seis beneficiados simples estando os 10 clérigos obrigados a cantar as Horas Canónicas diariamente no coro (*MEMÓRIAS*, 2011). No respeitante aos rendimentos destes eclesiásticos prossegue o reitor referindo que eram “de ténue rendimento certo, suposto, que mais rendem com o incerto”. Desta forma recebia ele próprio oitenta mil réis anuais, os beneficiados curados sessenta mil réis anuais e os beneficiados simples, quarenta mil réis por ano. Eram todos de alternativa do Papa com o prior (o Arcebispo de Évora), que apresentava “a Thesouraria em hum Presbitero (*MEMÓRIAS*, 2011). Através do testemunho do reitor Domingos Cardoso, fica-se a saber que a nomeação do tesoureiro da colegiada, que deveria ser presbítero, ficava a cargo do Arcebispo de Évora.

De acordo com a transcrição realizada por Gabriel Pereira do livro *Das Resoluções da Comunidade* (iniciado a 17 de novembro de 1757 pelo reitor Domingos Cardoso), fica-se a conhecer a dinâmica, assim como alguns dos indivíduos, da colegiada de Santo Antão nas últimas três décadas do século XVIII. Assim, sabe-se que sucedeu a Domingos Cardoso no cargo de reitor o Doutor João Justiniano Farinha, nomeado em junho de 1770, sendo-lhe dada posse pelo beneficiado com maior antiguidade, José António de Meneses e Sousa (PEREIRA, 1947, p. 317). Este mesmo reitor, quatro anos depois, mostrava-se preocupado com a qualidade da atividade litúrgico-musical na colegiada. Desta forma, “vendo a falta de perfeição com que se cantavam os officios divinos, e se officiavam as missas

cantadas” por falta de nela residir alguém que ensinasse cantochão. Com a aprovação da comunidade, foi decidido que o padre Francisco de Borja ficasse servindo no coro, aos ofícios divinos e missas cantadas, “em todas as funções a que os mais são obrigados a assistir”, ficando o mesmo a ganhar todas as ocasiões em que assistisse, conformando-se também com as constituições da colegiada (PEREIRA, 1947, p. 318-319). Dois anos depois, em 11 de novembro de 1776, foi decidido convidar-se Manuel de Almeida a assistir aos ofícios e missas cantadas, por não haver na colegiada pessoa instruída em cantochão (PEREIRA, 1947, p. 319). Através destas duas notas, percebe-se que nas últimas décadas do século XVIII havia uma preocupação com a qualidade da prática do cantochão na colegiada de Santo Antão, de tal forma grave, que em duas ocasiões foi decidido permitir a entrada a dois indivíduos externos no sistema rígido do serviço do coro. A 23 de abril de 1795 tomou posse como reitor da colegiada por provisão do arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, o doutor João Limpo Pimentel. A 24 de novembro do ano seguinte entrou para a colegiada o padre José Lúcio Limpo Pimentel, irmão do precedente. A 31 de outubro de 1797, José Lúcio assumia o cargo de reitor da colegiada, por abandono de seu irmão João. Ocupou o cargo de beneficiado vago pela transferência o padre João António de Sá (PEREIRA, 1947, p. 320).

Durante o período tratado no presente estudo foi Arcebispo de Évora D. Joaquim Xavier Botelho de Lima. Este prelado tomou posse da arquidiocese a 22 de março de 1784, mantendo-se na mesma até à sua morte, a 10 de abril de 1800 (BARATA, 1874, p. 58). Foi um prelado bastante dinâmico do que diz respeito às artes, com particular importância a música. Foi seu secretário João Limpo Pimentel, licenciado em cânones e desembargador da relação que, como se viu, era reitor da colegiada de Santo Antão (BARATA, 1874, p. 60). Um ano após a chegada a Évora de D. Joaquim Xavier Botelho de Lima foi nomeado mestre de capela da Catedral o padre Francisco José Perdigão. O mesmo também foi nomeado reitor do Colégio dos Moços do Coro (ALEGRIA, 1973, p. 103). Foi Perdigão que supervisionou a cópia de vários livros de coro com polifonia para uso na Catedral. O primeiro (Códice n.º 9 do arquivo musical da Sé de Évora) foi copiado logo no ano de 1785 por Fr. José de Nossa Senhora de Loureto e contém música para a Semana Santa dos compositores Fr. Manuel Cardoso, Francisco Martins e Diogo Dias Melgaz. O segundo livro de coro (Códice n.º 5) foi copiado em 1797 por Fr. Jacinto de Santa Inês e contém salmos e Magnificat de Juan Navarro, João Lourenço Rebelo, Pedro Vaz Rego, Ignácio António Celestino e André Rodrigues Lopo. Sucedeu a Francisco José Perdigão como reitor do Colégio dos Moços do Coro o padre Francisco de Borja Machado, capelão da Catedral, e que desde 1774 assistia no coro da colegiada de Santo Antão (ALEGRIA, 1997, p. 182). Em 1812 Borja ainda ocupava o cargo de reitor do Colégio, recebendo cinquenta mil réis anuais pelo desempenho desse cargo. Acumulava também o cargo de primeiro altareiro da Catedral, pelo qual recebia anualmente trinta mil réis e um moio de trigo (ALEGRIA, 1997, p. 192).

É neste contexto que em janeiro de 1786 foi aberto um processo de colação, encerrado em julho desse ano, referente a José da Costa, cantor da capela da Catedral, para o cargo de tesoureiro da colegiada de Santo Antão<sup>1</sup>. Neste documento, embora circunscrito à terminologia utilizada em processos desse tipo, surgem

---

<sup>1</sup> Arquivo Distrital de Évora, Câmara Eclesiástica de Évora, Cargos e Benefícios, Colações, Cx. 33, Doc. 1483. O autor agradece a chamada de atenção para a existência deste documento pela Dra. Paulina Araújo.

alguns dados que contribuem para a uma compreensão mais profunda de quem era José da Costa. Segundo o documento, José da Costa tinha 29 anos de idade em 1786 e era clérigo *in minoribus*, não tendo meios para prosseguir na carreira eclesiástica. Era um dos contraltos da capela da Catedral, ocupando também o cargo de tesoureiro da colegiada de Santo Antão. No documento, Costa ainda afirmava que havia sido criado desde a sua infância no Seminário da Catedral, isto é, o Colégio dos Moços do Coro, que começou a ser designado por seminário no final de setecentos. O mesmo havia servido a mesma instituição com constante e notório préstimo, modéstia e exemplar procedimento. Havia, inclusive, substituído o reitor do Colégio estando ainda nos anos do seu serviço como moço de coro.

Numa passagem pelos três dicionários biográficos de músicos portugueses (MAZZA, 1944; VASCONCELLOS, 1870; VIEIRA, 1900), não foram encontrados quaisquer dados biográficos referentes a José da Costa e a sua atividade em Évora. Vários motivos poderão ser apontados para a ignorância dos autores oitocentistas, sendo um dos principais a posição secundária que Évora e a sua Catedral passaram a ocupar no contexto musical português dos séculos XVIII e XIX. Aqui a hegemonia da Patriarcal e dos músicos e compositores formados no respetivo Seminário remeteu o Colégio dos Moços do Coro de Évora para um papel semelhante ao das outras catedrais portuguesas, cuja influência musical estava circunscrita sobretudo a um contexto local. Simultaneamente, a ausência de uma concentração de carácter enciclopédico de músicos tardo-setecentistas, a exemplo da *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, impediu semelhante volume de detalhe para estes músicos, como aconteceu para os compositores até meados do século XVIII. Desta forma, o processo de colação de José da Costa vem revelar alguns pormenores do percurso biográfico-profissional deste músico eborense.

No processo de colação, Costa afirmava ser de 29 anos de idade em 1786. Após consulta aos registos de batismo das freguesias da cidade para 1757, foi encontrado um único assento de batismo de um José, a quem o beneficiado José Pinto pôs os santos óleos na Catedral no dia 22 de abril desse ano. Este era filho de António da Costa e de Felícia Maria, ambos naturais de Évora. Era neto pela parte paterna de João Rodrigues e Ana da Costa e, pela parte materna, desconheciam-se os avós. Foi padrinho, Ignácio do Espírito Santo e Oliveira<sup>2</sup>. Desta forma, poderá situar-se a carreira musical de José da Costa enquanto moço do coro da Catedral e aluno do Colégio dos Moços do Coro. Costa terá entrado para o Colégio em 1766 ou 1767, uma vez que a idade usual de admissão dos moços nesta instituição se fazia entre os nove e dez anos. Terá feito os quatro anos de aprendizagem do cantochão, canto de órgão e contraponto com o mestre da Clastra, como era usual, de acordo com o *Regulamento do Collegio dos Moços do Choro*<sup>3</sup> estabelecido pelo Arcebispo D. José de Melo em 1617, até à mudança da voz. Após os quatro anos, terá prosseguido os estudos na gramática e latim como um dos oito porcionários seleccionados entre os quatorze moços que cumpriam os primeiros quatro anos de estudo por volta de

---

<sup>2</sup> Arquivo Distrital de Évora, Paroquiais, Livro de registos de batismo, Sé, Livro n.º 42 [1757-1759], f. 21v.

<sup>3</sup> Este documento encontra-se transcrito em ALEGRIA, 1997, p. 102.



1771 (ALEGRIA, 1997, p. 103). Costa afirmava ainda que havia desempenhado as funções de reitor do Colégio em várias ocasiões, sendo ainda colegial do mesmo. Assumindo que seria colegial a partir de 1771, Costa teria substituído o reitor padre Brás Gonçalves Galvão, que ocupava este cargo desde 1734. Galvão morreu no ano de 1772, sendo nomeado seu sucessor o capelão da Catedral padre José de Faria Vale (ALEGRIA, 1997, p. 176). De acordo com o regulamento de 1617, o reitor poderia nomear “um moço grande dos Collegiais” para zelar e repreender todo os outros colegiais e moços do Colégio, ficando o mesmo responsável pelos alunos nas ocasiões que o reitor se ausentasse daquela instituição. Deste modo, depreende-se que Costa tenha substituído algum destes dois reitores nos períodos em que cada um deles ocupou o respetivo cargo no Colégio, ou ele próprio o tenha assumido interinamente na fase de transição antes da nomeação efetiva de Vale para o mesmo.

No respeitante à atividade de José da Costa na capela da Catedral, o fato de ser colegial ter-lhe-á permitido uma mais fácil incorporação nesse agrupamento musical que outro cantor contratado exteriormente. No processo de colação, Costa afirmava ser contralto da capela, no entanto, não especificando desde que altura ocupava o dito ofício. O mesmo não é referido no levantamento realizado por Túlio Espanca sobre artistas em Évora durante o século XVIII, no qual se inclui uma extensa lista de músicos (cantores e instrumentistas) ao serviço da Catedral (ESPANCA, 1950, p. 135-139). Através das várias folhas de ponto dos músicos da Catedral<sup>4</sup> que sobreviveram para a segunda metade do século XVIII, no ponto correspondente ao ano de 1775 (o primeiro possível para a cronologia de Costa), José da Costa não aparece na lista dos músicos da capela. O mesmo surge pela primeira vez nas contas de 1777-1778, no lugar de terceiro contralto recebendo vinte mil réis anuais pelo desempenho desse cargo (ALEGRIA, 1997, p. 176). É interessante reparar que no ponto de 1775 quem surge como terceiro contralto é outro colegial, de nome João Roiz, o que sugere que esta posição seria provavelmente ocupada por colegiais, ascendendo aos lugares cimeiros do naipe por antiguidade. Ainda a 12 de dezembro de 1778, o salário de Costa é aumentado substancialmente com mais quarenta e cinco mil réis, perfazendo os cinquenta e cinco mil que recebia à data do processo de colação como tesoureiro em Santo Antão. Todavia, o mesmo já não aparece nos pagamentos efetuados aos músicos da capela em 1790-1791, o que sugere que antes dessa altura havia já abandonado o cargo de cantor.

Desta forma, através das pistas lançadas no processo de colação, depreende-se que José da Costa terá sido criado dentro do sistema musical da Catedral de Évora, permanecendo no mesmo até à idade em que teve de procurar uma outra forma de sustento para além daquela de cantor da capela, aparentemente insuficiente para a sua subsistência. O cargo de tesoureiro da colegiada de Santo Antão surge, assim, como um futuro para assegurar a sua subsistência dentro da esfera eclesiástica, que muito provavelmente não passaria das ordens menores em resultado do desconhecimento dos seus avós maternos.

---

<sup>4</sup> Várias folhas avulsas que correspondem aos anos de 1703, 1759, 1760, 1763, 1764-1767, 1775 e 1800. Arquivo da Sé de Évora, Cabido da Sé de Évora, Fábrica da Sé de Évora, Contas, Despesa, Folha de ponto dos músicos [1703-1800].



José da Costa também ficou também conhecido como compositor, do qual sobreviveram três obras musicais atualmente conservadas no arquivo musical da Catedral de Évora. Como antigo aluno de uma instituição especificamente vocacionada para o ensino da música, José da Costa conheceu os preceitos da arte da composição musical. Embora as três obras sobreviventes não constituam um número suficiente para se perceber em profundidade o estilo da sua escrita musical, estas inserem-se em duas grandes correntes estilísticas herdadas do século XVII e que se mantiveram em uso na Catedral ao longo da centúria de setecentos. A música sacra em Portugal no final do século XVIII encontrava-se dominada pelo de origem napolitana, cujas influências operáticas eram notórias. Desde meados do século XVIII que obras de compositores napolitanos, como David Perez e Niccolò Jommelli, eram feitas com frequência nas principais igrejas de Lisboa, nomeadamente o *Mattutini dei Morti* do primeiro e uma missa de *Requiem* do segundo. Nápoles foi também ponto de aprendizagem de vários músicos portugueses de influência nos círculos musicais lisboetas, como João de Sousa Carvalho ou os irmãos Brás e Jerónimo Francisco de Lima (NERY; CASTRO, 1991, p. 105-106). Uma das principais instituições musicais e religiosas de Lisboa que muita influência teve na produção e difusão de música sacra foi a Patriarcal, local onde se formaram inúmeros músicos. Estes eram iniciados não só no canto e instrumentos de tecla, mas também no contraponto e harmonia, sendo as principais técnicas de escrita musical familiares a grande parte deles. Neste contexto da Patriarcal existiam uma distinção entre músicos ditos contrapontistas e músicos intitulados de compositores. De uma forma geral, o primeiro apenas dominava as técnicas de escrita musical, sendo o segundo aperfeiçoado no respeitante à composição musical dentro de um plano artístico (FERNANDES, 2010, p. 218-219). No caso das três obras de José da Costa, percebe-se imediatamente numa primeira análise que este seria um músico contrapontista, entendido nos preceitos da arte, mas longe de ser um compositor no sentido artístico da palavra.

A primeira das obras conhecidas de José da Costa é a antífona mariana *Regina caeli*, para quatro vozes e baixo contínuo (Música Mariana n.º 21). Esta obra reflete uma corrente estilística hoje designada como *stile pieno*, isto é, uma obra escrita para coro, sem solistas, com apenas acompanhamento de baixo contínuo. Geralmente este estilo englobava obras policorais, como é o caso de grande número de repertório em uso na Patriarcal durante a primeira metade do século XVIII (ALVARENGA, 2018, p. 33). No caso da Catedral de Évora, existe um número substancial de composições policorais neste estilo, assim como obras para quatro vozes onde se inclui esta *Regina caeli*. Trata-se de uma obra, em geral, simples, escrita num estilo marcadamente coral e com praticamente nenhuma repetição do texto o que a torna pouco extensa, adequando-se a ocasiões onde se exigia brevidade no canto.



Imagem 1. José da Costa, *Regina caeli* (P-EVc Música Maria n.º 21), cc. 1-6.

A falta de mais detalhes identificativos no manuscrito não permite (como no caso das outras obras) situar esta obra no contexto da atividade musical de José da Costa na Catedral de Évora. Porém, a simplicidade do texto musical sugere que tenha sido uma composição do período em que este era colegial ou dos primeiros anos enquanto contralto da capela. Em todo o caso, a constatação do desgaste do manuscrito sugere ainda que esta composição foi bastante utilizada pela capela da Catedral.

As outras duas peças encontram-se num único manuscrito, com data de 1774. Trata-se da antífona *O lingua benedicta* (Diversos n.º 36), para quatro vozes, violinos e baixo contínuo, e o responsório *Iste cognovit* (Diversos n.º 37), presente no Comum dos Confessores não Pontífices, também para quatro vozes, violinos e baixo contínuo, também utilizado na festa de Santo António. Contrariamente à *Regina caeli*, este grupo de duas obras (poderão ser assim designadas, uma vez que se destinavam à mesma festividade) constitui um outro estilo que, estruturado de forma algo tímida, aponta para composições *stile concertato*, isto é, em que existe oposição entre um grupo de solistas e um tutti ou ripieno composto pelos restantes efetivos vocais da capela. A data de cópia ou composição do manuscrito indica que por esse ano José da Costa ainda seria aluno no Colégio dos Moços do Coro, com dezassete anos de idade e, portanto, estas obras surgem como um exemplo de composições de antigos colegiais da Catedral de Évora. Aqui, é também importante referir a inclusão de duas partes de violino, aspeto que começou a aparecer nas obras de Pedro Vaz Rego, mestre de capela da Catedral entre 1700 e 1736. A inclusão de apenas primeiro e segundo violino nas obras vocais tornou-se uma característica comum na Catedral de Évora ao longo do século XVIII. A partir da folha de ponto dos músicos da Catedral de 1775 mencionada anteriormente, encontram-se três rabecas (= violinos): Felipe Gomes como primeira rabeca, Manuel de Azevedo como segunda rabeca e o padre António Francisco Leite como terceira rabeca, colocando-se em dúvida se este último não teria também como ofício cantar.

A antífona *O lingua benedicta* é uma obra bastante mais extensa que a *Regina caeli*, estando dividida em duas partes claramente assinaladas. A dinâmica do concertado entre solistas e *ripieno* é bastante rápida. Por exemplo, no caso do soprano, existem seções a solo de apenas dois ou três compassos, (assim como alguns duos) intercaladas com seções corais. As seções solistas estão distribuídas sobretudo pelo soprano e alto, sendo o tenor e baixo vozes com uma função estritamente coral (de *ripieno*). A escrita musical é bastante simples. Com já foi mencionado, as seções solistas e corais, embora dinâmicas, são feitas com base numa escrita predominantemente homofónica e silábica, com poucas repetições textuais (geralmente apenas uma ou duas repetições).

No caso do responsório *Iste cognovit*, surge um outro exemplo de um responsório isolado, também destinado à festa de Santo António, *Si quaeris miracula* de Francisco António de Almeida, compositor ligado à Capela Real, ativo na primeira metade do século XVIII. O caso da obra de Almeida apresenta uma escrita marcadamente moderna para o tempo, com influência italiana, com um desenho contrapontístico assente em frases longas, com ritmos mais curtos, porém, iniciando com uma escrita vocal imitativa com um acompanhamento de baixo contínuo (ALVARENGA, 2011, p. 191). No responsório de Costa, surge uma introdução instrumental bastante longa (22 compassos), para os violinos e baixo contínuo. As seções corais (de *ripieno*) são intercaladas com seções solistas para o soprano e contralto. Apesar de manter a forma do responsório (responsório – *repetendum* – verso e doxologia), dentro de cada uma das respetivas seções o *estilo concertado* surge de forma muito simplificada, com as seções instrumentais, corais e solistas claramente definidas, não existindo muita dinâmica entre os solistas e *ripieno* coral. Em termos da escrita musical, a obra segue os parâmetros estético-estilísticos que podem ser encontrados na música vocal sacra concertada portuguesa do final do século XVIII, percebendo-se que, pela falta de desenvolvimento das seções solistas, Costa não era um compositor experimentado neste tipo de escrita musical.

Em resumo, o processo de colação de José da Costa como tesoureiro da colegiada de Santo Antão de Évora vem lançar alguma luz no percurso biográfico e profissional deste músico eborense, que permaneceu dentro do círculo musical da Catedral de Évora. Costa fez nesta instituição o percurso que muitos outros músicos nela fizeram ao longo dos séculos XVI a XIX, nomeadamente a instrução musical no Colégio dos Moços do Coro, importante local de aprendizagem para futuros clérigos da cidade. Como colegial a sua participação na atividade da capela da Catedral concretizou-se com a sua permanência como terceiro contralto, um posto que, como se viu, sugere ter sido ocupado por um aluno do Colégio. Como só havia tomado ordens menores e pretendia assegurar a sua subsistência enquanto clérigo, Costa viu no lugar de tesoureiro da colegiada de Santo Antão um cargo de segurança. Após ter entrado nesse cargo desconhece-se a sua atividade na capela, o que não é de estranhar, uma vez que desde o século XVI muitos outros músicos abandonaram a exclusividade das suas funções musicais na capela da Catedral de forma a assegurarem cargos de outra natureza, sobretudo eclesiástica, permitindo-lhes manter o seu sustento e, em muitos casos, também de familiares, de forma vitalícia.

## Referências bibliográficas

- ALEGRIA, José A. – História da Escola de Música da Sé de Évora. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.
- ALEGRIA, José A. – O Colégio dos Moços do Coro da Sé de Évora. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- ALVARENGA, João P. d' – *Allo stile dei musici di questa nazione: Balancing the Old and New in Portuguese Church Music from the 1720s and 1730s*. In DRESCHER, Thomas; KIRNBAUER, Martin (eds.) – *Basler Jahrbuch für Historische Musikpraxis XXXVIII 2014*. Winterthur: Amadeus Verlag, 2018. p. 33-54.
- ALVARENGA, João P. d' – 'To make of Lisbon a new Rome': The repertory of the Patriarchal Church in the 1720s and 1730s. *Eighteenth-Century Music*. Vol. 8 Nº 2 (2011), p. 179-214.
- ARAÚJO, Paulina – *Câmara Eclesiástica de Évora: Catálogo/Inventário*. Évora, 2013. Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação, apresentada à Universidade de Évora.
- ESPANCA, Túlio – *Artes e Artistas em Évora no Século XVIII*. A Cidade de Évora. Nº 21-22 (1950), p. 75-141.
- ESPANCA, Túlio – *Monumentos de Évora – A Igreja de Sto Antão*. A Cidade de Évora. Nº 4 (1943), p. 74-75.
- FERNANDES, Cristina – *O sistema produtivo da Música Sacra em Portugal no final do Antigo Regime: a Capela Real e a Patriarcal entre 1750 e 1807*. Évora: [s.n.], 2010. Tese de doutoramento em Música e Musicologia, apresentada à Universidade de Évora.
- FONSECA, Francisco da – *Evora Gloriosa. Epilogo dos quatro Tomos da Evora Illustrada, que compoz o R. P. M. Manoel Fialho da Companhia de Jesu*. Roma: Officina Komekeriana, 1728.
- GIEBELS, Daniel – *Igreja Paroquial de Santo Antão de Évora/Igreja de Santo Antão* [Em linha]. Sacavém: SIPA, 2006 [Consult. 11.11.2018]. Disponível na Internet: [http://monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3953](http://monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3953).
- HENRIQUES, Luís – *A paisagem Sonora de Évora no século XVII: Perspectivas a partir da actividade musical das instituições religiosas da cidade*. In *Book of Proceedings II International Congress on Interdisciplinarity in Social and Human Sciences*. Faro: Research Centre for Spatial and Organizational Dynamics, 2017. p.355-359.
- MAZZA, José – *Diccionario Biographico de Muzicos Portugueses, com prefácio e notas do P.e José Augusto Alegria*. Lisboa: Tipografia da Editorial Império, Lda., 1944.
- Memórias Paroquiais 1758: Évora – Santo Antão* [Em linha]. 2011 [Consult. 11.11.2018]. Disponível na Internet: <http://portugal1758.di.uevora.pt/index.php/lista-memorias/52-evora/1317-evora-santo-antao/>
- NERY, Rui V.; CASTRO, Paulo F. de – *História da Música (Sínteses de Cultura Portuguesa)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991.

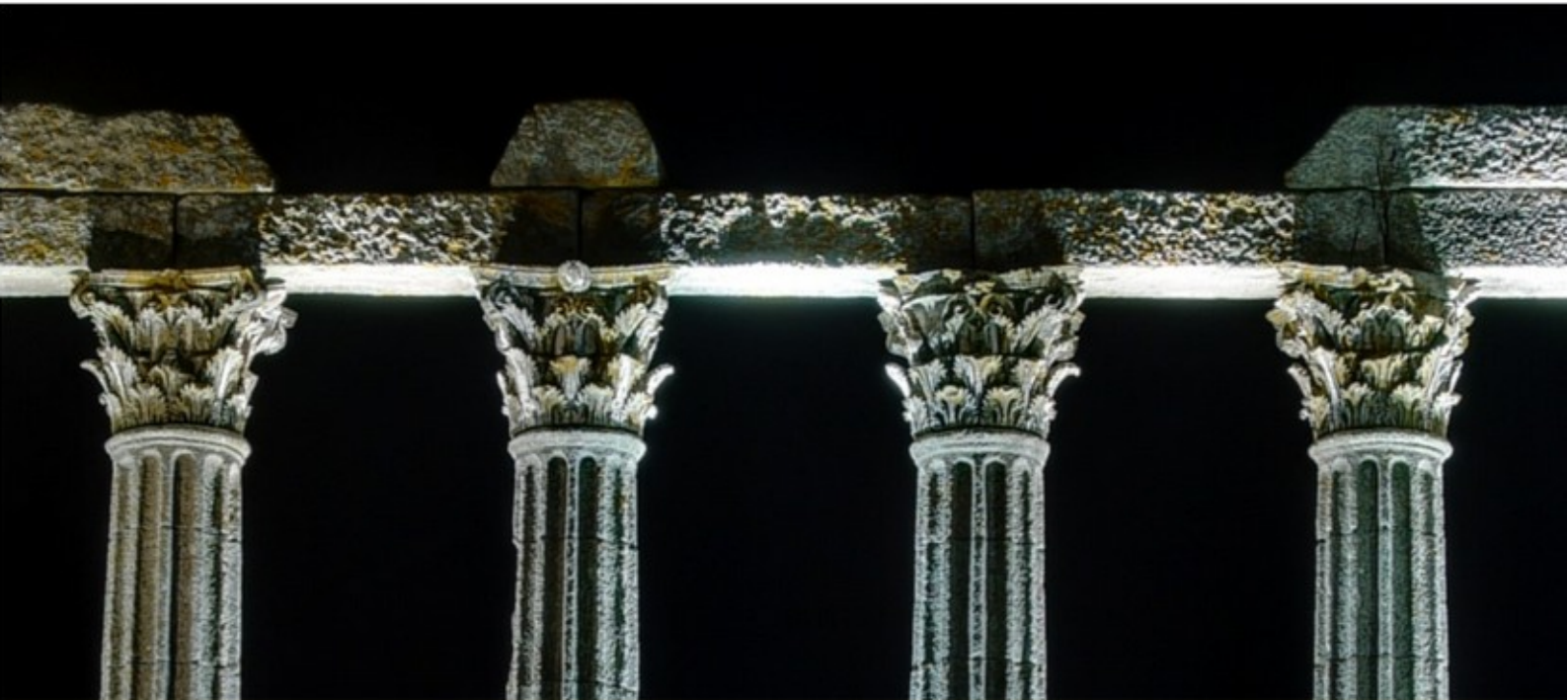
PEREIRA, Gabriel – Estudos Eborenses. Évora: Edições Nazareth, 1947. vol. I.

RODRIGUÉZ, António A. J. Díaz; CODES, Ana I. López-Salazar – El cabildo catedralicio de Évora en la Edad Moderna (1547-1801). Historia y Genealogía. Nº 4 (2014), p. 31-58.

VASCONCELLOS, Joaquim de – Os Musicos Portuguezes. biografia – bibliografia. Porto: Imprensa Portugueza, 1870.

VIEIRA, Ernesto – Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes. Lisboa: Typographia Mattos Moreira & Pinheiro, 1900. 2 vols.





# **B**OLETIM DO ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

NÚMERO 8 | JULHO 2019





REQUISITÓRIAS

ex. 40

M.º 3945

1753.

Ultra mar.

*Requisitoria, g. v. de L. Bui-  
pus de Marianne. Estudo de  
Rio de Janeiro, pp. 1.ª Med. Ar-  
...*

Visita o site em [adevr.dglab.gov.pt](http://adevr.dglab.gov.pt)

Faz-te amigo do Arquivo Distrital de Évora em: [www.facebook.com/arquivodistritalevora](https://www.facebook.com/arquivodistritalevora)

### Oficinas Educativas

O Arquivo Distrital de Évora organiza visitas guiadas e atividades pedagógicas para públicos de diversas faixas etárias.

Para marcações e inscrições contactar:

Arquivo Distrital de Évora

Largo dos Colegiais, nº 3

700-803 Évora

Tel: 266006600

Fax: 266006601

Endereço eletrónico:

[mail@adevr.dglab.gov.pt](mailto:mail@adevr.dglab.gov.pt)

### Pesquisa

Por solicitação dos leitores, o Arquivo Distrital de Évora realiza

pesquisas nos fundos

arquivísticos

à sua guarda.

Para informação e preços

contactar:

Arquivo Distrital de Évora

Largo dos Colegiais, nº 3

700-803 Évora

Tel: 266006600

Fax: 266006601

Endereço eletrónico:

[mail@adevr.dglab.gov.pt](mailto:mail@adevr.dglab.gov.pt)

### Reproduções

O Arquivo Distrital de Évora possui um serviço de fotocópias e

digitalização de documentos.

Para informação e preços

contactar:

Arquivo Distrital de Évora

Largo dos Colegiais, nº 3

700-803 Évora

Tel: 266006600

Fax: 266006601

Endereço eletrónico:

[mail@adevr.dglab.gov.pt](mailto:mail@adevr.dglab.gov.pt)



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA

DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E  
DAS BIBLIOTECAS



ARQUIVO  
DISTRITAL DE  
É · V · O · R · A

**DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E DAS BIBLIOTECAS**

**ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA**

Largo dos Colegiais, nº 3, 7000-803 Évora | Telefone: 266006600 | Fax: 266006601

Sítio na Internet: <http://adevr.dglab.gov.pt> | E-mail: [mail@adevr.dglab.gov.pt](mailto:mail@adevr.dglab.gov.pt)

Direção: Jorge Janeiro | Design gráfico: Francisca Mendes

Colaboradores nesta edição: Célia Malarranha, Francisca Mendes, Jorge Janeiro, Luís Henriques,  
Paulina Araújo, Rita Faleiro.

ISSN 2183-3427